

426-7

V
E
R
T
I
C
E

Depois das eleições



A' vontade de seu dono.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

ANNO II

67

II

Altitude não é decisiva para a nossa perspectiva do neo-realismo.

Não publicou propriamente textos fundamentais, nem de poesia, nem de ficção, nem de crítica, nem de ensaio. Acentue-se, contudo, a orientação geral do boletim, mais voltado para a criação do que propriamente para o ensaio ou a polémica, o que de certo modo singulariza *Altitude* da maior parte das outras publicações congéneres atrás citadas.

Os seus textos poéticos, como já notou Fernando Guimarães, não são ainda exemplares de uma estética ou de uma mundividência: com excepção de um deles, da autoria de Mário Dionísio (*Não*, publicado no n.º 2), prolonga-se uma escrita que poderia ser a dos presencistas.

É curiosa, no mesmo número, a divulgação de uma «autora», Mariana de Campos – afinal (ainda mais curioso) pseudónimo de Fernando Namora – e assinalável o fragmento de uma obra de ficção de Joaquim Namorado (*Carroussel*), que jamais veio a lume mas que o autor manteve anunciada pelo menos até 1945. Neste fragmento, há que sublinhar a intromissão do narrador, tanto mais significativa quanto alguma ficção neo-realista se propôs como um reflexo transparente do real.

O texto mais interessante acaba por ser o de António Ramos de Almeida sobre o folheto de José de Almada Negreiros, *Desenhos Animados, Realidade Imaginada*: este trabalho foi, primeiro, a apresentação do filme *Branca de Neve e os 7 Anões*, de Walt Disney, feita no cinema Tivoli pelo autor de *A Invenção do Dia Claro* e saiu depois num folheto em 1938. António Ramos de Almeida dedica-lhe um artigo de mais de uma página em que discute a legitimidade de algumas das suas afirmações.

À tese de Almada – o cinema nasceu quando se descobriu que a sucessão de imagens produzia a ilusão do movimento – e às consequências que dela retira – as de que, afinal, toda a evolução do cinema foi falsa porque derivou de uma usurpação das outras artes, só se tornando independente com a referida película de Disney, porque só ela constituiu o reencontro com essa vocação original entretanto esquecida – contrapõe Ramos de Almeida outros pressupostos.

O cinema nasceu quando se tentou fotografar pela primeira vez a vida que é a realidade em movimento. Como a arte é a expressão da própria vida, uma arte será tanto mais verdadeira quanto consiga exprimir integralmente o real na sua efectiva complexidade. É o caso do cinema: «O cinema [escreve Ramos de Almeida], é descendente e resultado de todas as artes, mas é independente de todas elas desde que conseguiu o «milagre» de realizar esteticamente a vida – como até então nenhuma arte o tinha conseguido – fora dos convencionalismos do teatro, da literatura e das artes plásticas». Ideia que retomaria 2 anos mais tarde noutro ensaio, ao escrever de um modo ainda mais explícito: no cinema «O artista consegue reproduzir a totalidade da realidade».

Outros artigos merecem certa atenção: aquele em José Neiva, apresenta Schopenhauer (n.º 2: *A filosofia de Romantismo – I: Schopenhauer*), cuja filosofia considera a «expressão de todas as burguesias conservadoras»; a nota que Ramos de Almeida consagra ao livro de poemas *Mar Vivo* de João Campos (edições presença); a crítica de João Costa a um livro de poemas de Alberto Serpa; ou ainda a breve leitura feita por Manuel de Azevedo do romance *Mónica* de Aquilino Ribeiro. Neste caso, deve sublinhar-se que Azevedo conclui deste modo: para além da beleza estética indiscutível, «não é a suprema perfeição da prosa o que mais interessa», o que segundo suponho, marca um relativo afastamento da orientação da obra de Aquilino.

Quanto à crítica de Ramos de Almeida: é claramente acentuada a fecundidade do movimento presencista sob o ponto de vista estético, facilmente compreensível a quem «não for cego de sectarismo» efectivamente, continua, a «*presença* foi durante muito tempo a única folha de arte e crítica viva e *de tendência* existente em Portugal» (sublinho). Recorde-se que se trata de um texto de 1939 em que não era muito vulgar esta compreensão profunda da novidade e importância da *presença*.

III

Altitude não constitui, portanto, segundo suponho, uma referência indispensável, em termos gerais, no estudo do neo-realismo. A sua importância,

bem como a de muitas outras publicações cuja releitura se impõe, provém de se integrar num vasto aparelho cultural, cujo conhecimento é indispensável para a compreensão da dimensão *ideológica* do neo-realismo.

“Estudos e Documentos do Neo-Realismo I. A Imprensa Coimbrã na génese do Neo-Realismo”, António Pedro Pita in *Vértice*, Coimbra, Vol. XXXIX, n.º 426-427, Ano II, Novembro/Dezembro de 1979, pp. 532-535.